



Estudos Ibero-Americanos

ISSN: 0101-4064

eia@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

S. De Matos, Maria Izilda
Viagens pelo Rio das Amazonas
Estudos Ibero-Americanos, vol. 38, 2012, pp. S189-S198
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134652599015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Viagens pelo Rio das Amazonas

Journey through the Amazon River

Maria Izilda S. De Matos*

Resumo: Esta pesquisa encontra-se centrada na literatura de viagem, privilegiando os cronistas de expedições à Amazônia, entre eles Frei Gaspar de Carvajal (1541-42) e Padre Cristóbal de Acuña (1638-39). Busca-se refletir sobre um universo cultural específico, recuperando as representações das Amazonas e do El Dorado, traçada pelos europeus quando das viagens de reconhecimento e ocupação desta região.

Palavras chave: Viagem. Cultura. As Amazonas. Eldorado. Carvajal. Acuña. Crônicas.

Abstract: This research is focused on travel literature, emphasizing the chroniclers of expeditions to the Amazon, including Dominican Friar Gaspar de Carvajal (1541-42) and Father Cristóbal de Acuña (1638-39). Reflected on a specific cultural universe, retrieving representations of the Amazon and the El Dorado, drawn by Europeans when the reconnaissance trips and occupation of this region.

Keywords: Travel. Culture. Amazonas. Eldorado. Carvajal. Acuña. Chronicles.

Esta pesquisa analisa a literatura de viagem, priorizando dois cronistas de expedições à Amazônia, Frei Gaspar de Carvajal (1541-42) e Padre Cristóbal de Acuña (1638-39). Busca-se refletir sobre um universo cultural específico, recuperando as representações das Amazonas e do El Dorado.

Em algum ponto indeterminado, atravessado por um “mar branco” cujas vagas rolavam em areias de ouro e calhaus de diamantes, reinava El Dorado, um príncipe que se cobria de fino ouro em pó. Manoa, capital deste reino, era cheia de palácios, alguns construídos de pedras ligadas por prata e com os tetos folheados de ouro, era guardada por mulheres brancas, altas e guerreiras [...]

* Professora Titular da PUC/SP, pesquisadora 1 do CNPq, Pós-doutorado na Université Lumière Lyon 2, Lyon/França (1997).

A existência de um Paraíso terrestre já fazia parte do imaginário das culturas mediterrâneas, mas a circulação de narrativas como estas constituiu um elemento de atração, muitos se deslocaram para o Novo Mundo, sonhando encontrar profusão de ouro e pedras preciosas.

À procura do El Dorado

Desde os finais da Idade Média, existiam preceitos que os climas eram determinantes da distribuição dos metais, que eram “criados” sob seus efeitos, relacionando, assim, a riqueza com a latitude, acreditava-se na possibilidade de se encontrar ouro perto da zona equatorial. Esta ideia era compartilhada por muitos na época da conquista da América, que apregoavam que nas encostas da cordilheira dos Andes, sob as terras quentes equatoriais, existiriam veios auríferos, dos quais os incas haviam extraído seus tesouros – “Meta”. A representação de uma rica região áurea foi enriquecida de detalhes, ampliando à busca incessante por ela, animando a cobiça desenfreada e agressiva dos conquistadores.

Em Quito, também circulavam narrativas sobre a existência do País da Canela, localizado no Oriente equatorial. Em 1541, Gonzalo Pizarro deslocou-se à procura deste País e do El Dorado, tendo Francisco Orellana como seu lugar-tenente. Frente às dificuldades surgidas no percurso e a impossibilidade da continuidade da comitiva, a caravana se dividiu. Orellana de posse de uma única embarcação desceu o rio, com um pequeno seu grupo, composto por 57 homens, entre eles o dominicano Gaspar de Carvajal, que deixou minucioso relato da viagem.

Nas acolhidas mais receptivas por parte dos indígenas, os viajantes ouviam atentos os relatos sobre as riquezas que encontrariam rio abaixo e de um reino de mulheres guerreiras – as coniuipiarias – que foram identificadas com as Amazonas míticas.

As crônicas de Carvajal contando os feitos da expedição de Orellana e o vigor da circularidade dos relatos sobre o El Dorado e as Amazonas fizeram com que, em 1617, Sir Walter Raleigh se deslocasse da Inglaterra para esta região. Ele também registrou referências aos batalhões de Amazonas, que guardavam muitos tesouros.

Poucos anos mais tarde (1637), o capitão português Pedro Teixeira, com uma escolta de setenta soldados e 1.200 índios domesticados (remadores e guerreiros), partiu de Cametá (Pará) com destino a Quito, aonde chegou cerca de um ano depois. As autoridades espanholas ficaram incomodadas com as façanhas do navegador português e planejaram a viagem de retorno (1639), com uma estratégia de ação geopolítica. Na

comitiva foi enviado o religioso Cristóbal de Acuña, que registrou suas crônicas, logo em seguida (1640), porém, com o final da União Ibérica, a publicação desta obra foi confiscada como precioso segredo de Estado, tornando-se extremamente rara.

Seguiram-se outros viajantes-narradores, Samuel Fritz (1689-91), M. de la Condamine (1743) e Alexandre von Humboldt (1799-1804), todos se referiram ao Reino das Amazonas, ao El Dorado e aos mistérios da região.

Uma paisagem: o rio e a selva

Desde o século XIII, que as narrativas de viagens para o Oriente, circulavam noticiando a existência de riquezas fabulosas, o que inquietava as mentes e a ambição dos europeus. As mudanças de perspectiva e a incomensurabilidade espacial vivenciadas nas aventuras marítimas ampliaram ainda mais essas inquietações, levando a um deslocamento geográfico do paraíso terrestre para a América.

Neste contexto, cresceram as narrativas de viagem e os detalhes sobre os exotismos culturais e as monstruosidades corporais que passaram a povoar o imaginário tanto dos que ousavam enfrentar a aventura transoceânica, como dos que permaneceram recebendo suas notícias.

Nas crônicas analisadas (Carvajal e Acuña), o rio, fauna e flora foram construídos como uma paisagem idílica, mas desafiadora.

[...] o rio das Amazonas banha reinos mais extensos, fertiliza mais planícies, sustenta mais homens e aumenta com suas águas oceanos mais caudalosos. Para vencê-los em felicidades, só lhe falta ter sua origem no Paraíso, como daqueles outros afirmam grandes escritores. [...] A respeito do rio das Amazonas pode-se afirmar que suas margens são, pela fertilidade, paraísos, e, se a arte ajuda a fecundidade do solo, todo ele terá aprazíveis jardins [...] As províncias vizinhas ao rio das Amazonas não necessitam de bens raros, porque há abundância de peixes em suas águas, de caça em suas montanhas, de pássaros em seus ares, de frutos em suas árvores, de colheita em seus campos, de minas em seu solo, e os nativos que ali habitam possuem muitas habilidades e aguda inteligência para tudo o que lhes importa (Acuña, 1994, p. 68-70).

A edenização da natureza e o encantamento frente à mata, o rio e os animais foram registrados nas crônicas, visando expressar todas as

potencialidades da região. Baseava-se em concepções cristãs pelas quais o Novo Mundo era visto como um conjunto de maravilhas cativantes e complexas a serem domesticadas, mas, também apontava o dualismo paraíso/inferno que coloria o imaginário destes narradores.

As narrativas explicitavam visões eurocêntricas, marcadas pela ambição e a cobiça, os olhares ávidos pela riqueza associavam a exuberância da natureza às vizinhanças do paraíso terrestre. Reconstruíam-se um mito, evocando a riqueza como um valor perseguido pelo homem, nos dois cronistas denotava-se uma obsessão pela busca do reino do El Dorado¹, além de uma crescente preocupação em determinar sua localização exata. Nesse sentido, os narradores procuram arrolar “pistas” que justificassem a árdua empreitada, sendo a aproximação geográfica do reino identificada na fartura alimentar dos nativos, na exuberância do ambiente, no calor e reforçada pelas notícias dos indígenas. Destacavam o prenúncio do El Dorado, faziam-se conexões com o País da Pimenta e/ou Canela, com o lago de Paititi e/ou Lago Parime, com Manoa (capital destes domínios) e com os territórios das Amazonas (também identificado com o Reino das pedras verdes).

Ressalte-se que o El Dorado – além da representação da riqueza, que possibilitaria a realização de todos os desejos e poderes – se encontrava vinculado à ideia de paraíso, um éden de fertilidade, beleza e prazer, sinônimo de felicidade plena, sendo que nestas narrativas, este mito foi entrecruzado com o das Amazonas.

Navegando no Rio das Amazonas

Há lá imensa riqueza de ouro e prata, e todas as senhoras principais possuem um serviço todo de ouro ou prata [...] na capital e principal cidade há cinco casas muito grandes, que são adoratórios e casas dedicadas ao sol, as quais são por elas chamadas de caranaí, e que estas casas são assoalhadas no solo e até meia altura e que os tetos são forrados de pinturas de diversas cores, que nestas casas têm elas ídolos de ouro e prata em figura de mulheres, e muitos objetos de ouro e prata para o serviço do sol. Andam vestidas de finíssima roupa de lã, porque há nessa terra muitas ovelhas do Peru. Seu traje é formado por umas mantas apertadas dos peitos para baixo, o busto descoberto, e um como manto, atado adiante por uns cordões.

¹ El Dorado significa “O homem dourado”, entre os Muiscas, quando um novo líder era escolhido, existia um ritual pelo qual ele era coberto de pó de ouro, então navegava numa jangada cheia de ouro e jóias até o centro do Lago Guatavita, onde ao final mergulhava, eliminando o pó de ouro e oferecendo aos deuses todas as riquezas da jangada.

Trazem os cabelos soltos até ao chão e postas na cabeça coroas de ouro, da largura de dois dedos. Disse mais que muitas províncias de índios que lhes são limítrofes, elas as têm sujeitas e os fazem pagar tributos e que eles as sirvam; e que há outras com as quais vivem em guerra (Carvajal, 1894, p. 65.)

No seu diário de viagem, Frei Gaspar de Carvajal (1541-42) assim descrevia e recriava as Amazonas e seus territórios, as notícias obtidas no percurso causavam ansiedade, medo e expectativa frente aproximação dos “domínios” das guerreiras. Em torno dos desafios de enfrentar a floresta equatorial e a grandeza do rio, criava-se uma paisagem envolvente para sagas de heróis desbravadores.

Segundo a narrativa, um índio aprisionado relatou que já estivera muitas vezes nas terras dessas mulheres varonis e que nelas havia setenta aldeias, construídas de pedras e com portas, com caminhos que as interligavam além de sentinelas que cobravam a passagem.

[...] os índios recomendaram que, se fôssemos ver as amazonas, que chamam na sua língua de coniupuiara, que quer dizer grandes senhoras, que víssemos o que fazíamos, porque éramos poucos e elas muitas, e que nos matariam [...]

Receoso, mas em volto em deslumbramento, Carvajal descrevia/criava/recriava o Paraíso terrestre no território das Amazonas. Falava de suas riquezas, cercado de pequenos édens com frutos, caça e pesca abundantes, apresentava ainda campos cultivados por uma população produtiva. A dificuldade de lidar com o desconhecido, fez com que o narrador fizesse analogias com as relações por ele já identificadas, uma sociedade hierarquizada (súditos e senhoras), uma corte sustentada por vassalos, possuindo guerreiras e sentinelas encabeçadas pela matriarca Conori.

As referências que circulavam em Quito da existência do Templo do Sol, guardado por virgens, onde se acumulavam grande quantidade de ouro, se confundiam com as informações sobre o país das Amazonas, as quais seriam possuidoras de uma enorme quantidade de tesouros em ouro e também em pedras verdes de inestimável valor (muiraquitãs, semelhantes ao jade ou esmeraldas).

Circularidade e hibridismo cultural: conquista

A imagem dos conquistadores era recriada como heróis embrenhados num universo desconhecido, enfrentando os desafios na procura do Paraíso

terrestre. A perplexidade perante o desconhecido e misterioso despertava a predisposição para o retorno de mitos da Antiguidade Clássica e do Oriente.

Difundido mais diretamente pelos gregos, o mito das Amazonas antecede essa cultura. Identificadas como um agrupamento de mulheres guerreiras que teriam habitado a região da Ásia Menor, segundo a etimologia tradicional, mas pouco comprovada pela iconografia, queimavam e mutilavam o seio direito (a=sem+mazon=seio) para poderem manipular mais facilmente o arco.

Na *Ilíada* de Homero e nos livros de Heródoto, as amazonas foram representadas como numerosas, decididas e insígnies com os cavalos; comunicavam-se através de curtos e rápidos diálogos; possuíam espírito aventureiro; fundaram cidades; além de exímias caçadoras e guerreiras. Plutarco, Hipócrates e Platão fazem referências aos costumes e às façanhas das Amazonas. A estatuária, vasos e baixo-relevos popularizaram suas lutas e as tornaram um símbolo de vigor e de poder. O mito também é identificado com a transição do matriarcado para o patriarcado, já que as Amazonas sempre eram vencidas e acabavam dominadas pelos homens.

A imagem das guerreiras permaneceu, ao longo do tempo, presente no imaginário de vários povos: gregos, eslavos, germânicos, celtas, hindus, africanos. Nas sagas nórdicas encontram-se as Valquírias, que possuíam o poder de decisão da batalha, recolhendo em seus cavalos alados os corpos mortos para conduzi-los ao Valhala.

As mulheres guerreiras se fizeram presentes na literatura de cavalaria dos fins da Idade Média e dos inícios do Renascimento. O mito também foi relacionado à Joana D'Arc e vinculado à legitimação do governo feminino, como no caso de rainhas europeias.

Se a lenda das Amazonas aporta na América com a chegada dos europeus, entre os indígenas circulavam mitos que contribuíram para fomentar e transformar o imaginário. O mito do jurupari, narrava a existência de uma era caótica, na qual as mulheres – as coniuipuiaras – governavam a terra sem justiça e nem piedade, mantendo os homens sob medo e submissão. Jurupari, o herói libertador, inverteu essa situação, ensinando que não se devia permitir às mulheres imiscuir-se no poder ou fazer parte dos ritos sagrados. Lutou contra elas e venceu, estabelecendo diretrizes para o comportamento feminino, princípios fundamentais da ordem social e sexual. O mito era transmitido de geração a geração pela narração e representação em cerimônias.

No entanto, grande parte destes mitos indígenas, de comunicação oral, se perdeu e o que sobreviveu foram as narrativas dos europeus, nas quais as representações se mesclaram, o imaginário, os relatos, as experiências de uns e de outros se fundiram num único texto híbrido.

As coniupeiras foram identificadas com as Amazonas míticas, guerreiras-guardiãs de um éden tropical. Como os colonizadores, essas mulheres tinham espírito de aventura, eram conquistadoras de outros povos e possuíam tesouros capazes de enriquecer o mundo inteiro. Esta situação especificava uma cultura exótica e refletia uma inversão do social – a desordem de uma sociedade governada por mulheres.

Uma sociedade de mulheres sós: desordem

Carvajal descrevia e recriava algumas características dessas mulheres, em particular a belicosidade e a capacidade de se autossustentar:

A estas nós as vimos, que andavam combatendo diante de todos os índios como capitãs, e lutavam tão corajosamente que os índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas [...] (Carvajal, 1894, p. 65-68).

As Amazonas foram então reconhecidas como mulheres belicosas, isoladas, selvagens e insubmissas, conhecedoras de estratégias de guerra e com capacidade de se organizar com um governo próprio, sem a presença e a ajuda de homens, além de serem conquistadoras e possuírem “tributários”. Em seus domínios os alimentos eram abundantes, o que demonstrava as habilidades dessas mulheres em se manter.

Perguntou o capitão se estas mulheres eram casadas e o índio disse que não. Perguntou o Capitão de que modo vivem. Respondeu o índio que viviam no interior, e que ele tinha lá estado muitas vezes e visto o seu trato e residências, pois como seu vassalo ia levar o tributo, quando o senhor o mandava. Perguntou o Capitão se estas mulheres eram muitas. Disse o índio que sim, e que ele sabia, pelo nome, setenta aldeias, e os contou diante dos que aí estávamos, e que em algumas havia estado (Carvajal, 1894, p. 65-68).

No relato desta primeira expedição ficavam patentes as dificuldades de Orellana em se comunicar com os índios, em particular neste interrogatório, com a necessidade de lançar mão de gestos, fazendo com que muitas das perguntas do espanhol induzissem respostas prefiguradas.

Percebe-se que o mito de origem europeia, ouvido há muito tempo, foi recuperado e reinterpretado durante os contatos.

Aos viajantes, causava espanto, estranheza e também atração, a existência de mulheres vinculadas às atividades como a guerra, a caça ou com o governo. Mulheres que se mantinham sós, sem marido, possuidoras de poderes, com a força e o domínio sobre a selva, mundo desconhecido e misterioso, geraram reações ambíguas, por um lado a fascinação por outro um estranhamento e recusa.

Desta forma, reforçava-se que as mulheres não foram feitas para o governo e para guerra, não sabiam organizar o poder, reafirmando a imagem da mulher ideal longe desta órbita de ação.

A sexualidade, o corpo e a maternidade

A lenda apresentava uma sociedade criada pelo imaginário masculino, porém, habitada exclusivamente por mulheres, com uma organização que privilegiava o prazer, oposta à sociedade patriarcal conhecida pelos narradores. Assim, as Amazonas encarnariam a voluptuosidade, a recusa à submissão, a afirmação de sua própria sexualidade, sendo assim descritas:

Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pêlo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios. E em verdade houve uma destas mulheres que meteu um palmo de flecha por um dos bergantins, e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porco-espinho.

Voltando ao nosso propósito e combate. Foi nosso Senhor servido dar força e coragem aos nossos companheiros, que mataram sete ou oito destas amazonas, razão pela qual os índios afrouxaram e foram vencidos (Carvajal, 1894, p. 60-61).

As Amazonas foram representadas como fortes e bravas guerreiras “fazendo tanta guerra como dez índios”, portavam arcos e flechas, instrumentos identificados com a guerra um universo masculino.

Nas narrativas, o comportamento e a sexualidade destes corpos femininos foram dotados de diferentes significados, geralmente negativos e desqualificadores: elas andavam “nuas em pêlo”. Oscilando entre as visões de inocência e naturalidade dos corpos nus e da opção consciente pelo pecado (a ocultação dos corpos era uma das obsessões do rigor das Reformas), as crônicas apresentavam manifestações de estranhamento

frente à nudez das índias, que foi sensualizada e criticada, vinculada com o desregramento da sexualidade. Estas eram mulheres dotadas de um desejo desmesurado:

[...] estas índias coabitam com índios de tempos em tempos, e quando lhes vem aquele desejo, vão fazer guerra a um grande senhor que reside e tem a sua terra junto à destas mulheres, e à força os trazem às suas terras e os têm consigo o tempo que lhes agrada, e depois que se acham prenhas os tornam a mandar para a sua terra sem lhes fazer outro mal [...] Disse mais que muitas províncias de índios que lhes são limítrofes, elas as têm sujeitos e os fazem pagar tributos e exigem que eles as sirvam [...] (Carvajal, 1894, p. 65-68).

Nas narrativas, as amazonas foram representadas como portadoras de uma sexualidade desenfreada, insaciável e perigosa. Os homens seriam para elas objetos de seus desejos e elementos que lhes permitiam a continuação da espécie e de sua organização social, criando uma inversão dos papéis, portanto, seres que precisavam ser conquistados, submetidos e adestrados.

A maternidade, visando à perpetuação da sociedade de mulheres-sós, também causava estranheza, explicitada em Carvajal:

Ele disse que estas índias coabitam com índios de tempos em tempos [...] e depois que se acham prenhas os tornam a mandar para a sua terra sem lhes fazer outro mal; e depois quando vem o tempo de parir, se têm filho o matam e o mandam ao pai; se é filha, a criam com grande solenidade e a educam nas coisas de guerra [...] (Carvajal, 1894, p. 65-68).

A preservação exclusiva de crianças do sexo feminino visava perpetuar a sociedade e manter o poder nas mãos das mulheres, esta maternidade seletiva era vista como ato de selvageria e degeneração.

Representações e Poder

As narrativas de Carvajal e Acuña compreendiam uma rede intrincada de significados lacunares e fragmentados, constituindo uma trama multidimensional com um descompasso entre as representações do “ser” e do “deve ser”. Nos relatos, os sentidos se faziam, se desfaziam e se refaziam, num processo de apropriação, através do qual os mitos

não podem ser identificados com cópias, mas com um mosaico híbrido constituído na historicidade.

A ansiedade da aventura, a busca da riqueza, combinada com o medo e atração pelo desconhecido, fizeram aflorar as lendas da Antiguidade, que circulavam no Renascimento europeu. As narrativas recriavam, talvez sem saber, mitos de tempos remotos, fazendo analogias com o já conhecido, reconstituíam representações que adquiriram nos contatos com os indígenas, mas transformando-as e revelando novos significados. Pode-se observar nas crônicas, todo um processo, através do qual os mitos europeus e amazônicos retornaram, circularam, se interpenetraram – o mito das amazonas e do Paraíso terrestre com a lenda do El Dorado e das “grandes senhoras sem homem”.

Referências

- CARVALHO, Silvia Maria S. *Jurupari*: Estudos de mitologia Brasileira. São Paulo: Ática, 1979.
- DINER, Helen. *Mothers and amazons*: the first feminine history of culture. New York: Anchors Press, 1973.
- GANDÍA, E. *História crítica de los mitos de la conquista de América*. Buenos Aires: Roldan y Companhia, 1920.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso – Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1969.
- MOTT, Luiz. As Amazonas: um mito e algumas hipóteses. In: *Revista do Laboratório de Pesquisa Histórica*, v. 1, 1990.
- WALKER, Barbara. *The women's encyclopedia of myths and secrets*. New York: Harper & Row, 1983.
- WRIGHT, Celest T. The amazons in Elizabethan Literature. In: *Studies in Philology*, n. 37, 1940, p. 433-445.

Solicitado em 17/09/2012

Aprovado em 18/10/2012